

Região de Rio Maior

02-03-2012

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Regional

Tiragem: 10500

Temática: Sociedade

Dimensão: 306

Imagem: S/Cor

Página (s): 14

Projecto de Cidadania debateu situação laboral em Rio Maior

● É preciso engrossar a contestação — diz Rui Aldeano, da CGTP

O movimento Projecto de Cidadania realizou no passado dia 18 de fevereiro um debate sobre a situação laboral no concelho de Rio Maior que contou com a participação de Glória Ribeiro, delegada sindical na Câmara Municipal, Célia Colaço, da Comissão Sindical da Nobre Alimentação, e Rui Aldeano, coordenador da União de Sindicatos de Santarém (CGTP). O moderador foi António Costa, coordenador do Projecto de Cidadania.

necessária.

António Costa evocou “a força da unidade dos trabalhadores”, que, a seu ver, “enquanto cidadãos e enquanto produtores de riqueza são determinantes”. Defendeu a necessidade de os trabalhadores se organizarem e defenderem os seus direitos através da acção colectiva. Afirmou que foi dessa forma que conquistaram muitos direitos a seguir ao 25 de Abril.

Segundo Rui Aldeano, as novas gerações



Célia Colaço, António Costa e Rui Aldeano, no debate em Rio Maior.

Para além do desemprego crescente, o retrato que surgiu foi de uma situação marcada pelas dificuldades que muitas pessoas passam, mesmo estando empregadas, devido a auferirem baixos salários e ao agravamento do custo de vida. Glória Ribeiro referiu, como exemplo: “temos na Câmara ordenados que não chegam aos 500 euros. Se essas pessoas tiverem que pagar 200 euros de renda de casa, mais água, luz e telefone, e tiverem filhos... com o aumento de impostos, de transportes... como é que essas pessoas se governam?”.

Outro aspecto apontado foi o medo. A deputada municipal Carla Rodrigues, também presente, afirmou: “muitas pessoas têm medo de retaliações se abrirem a boca, se disseram que não estão a ser justos com elas”. Célia Colaço lamentou que muitas pessoas não defendam os seus direitos. E argumentou: “os sindicatos são os trabalhadores. Se estes não fizerem greve, se não forem às manifestações” os sindicatos não terão a força

correm o risco de passar por muito piores condições de vida. Criticou o actual governo e a Troika. “Os sacrifícios não são para todos. São para o povo, para os trabalhadores. Nos barões ninguém toca” – disse. Na sua opinião, o empréstimo que a Troika concedeu a Portugal “não é ajuda nenhuma. Pretendem cobrar 35 mil milhões de euros em juros e comissões por um empréstimo de 78 mil milhões de euros” – o que lhes dará uma taxa de lucro de 45%.

Para Rui Aldeano, o que o país precisa é renegociar a dívida e aumentar a produção, desde a agricultura às pescas e à indústria. E “a luta dos trabalhadores é que pode mudar a sociedade. Não é de um momento para o outro. Mas é possível mudar e é urgente que se mude. Isso não acontecerá sem a acção dos trabalhadores, organizados colectivamente. É preciso engrossar a contestação. Que cada um assuma o seu papel como cidadão”. ■

Luis Carvalho